

A originalidade da Vida Religiosa Marianista

O Concílio Vaticano II pediu aos religiosos voltar às suas origens, às fontes, sobretudo a Jesus e ao Evangelho, mas também às origens carismáticas do grupo fundador. Os religiosos e as religiosas marianistas assumiram este convite e não só formularam nas novas regras de vida, na década de 80, mas também trataram de reviver e atualizar o momento fundacional.

As religiosas (em 1816) e os religiosos marianistas (em 1817) surgiram de grupos de leigos, as Congregações de Bordeaux e Agen (FRANÇA), fundadas pelo Padre Chaminade e a Madre Adela. Nasceram ao serviço destes grupos de leigos, de maneira que os primeiros religiosos eram congregantes religiosos. De 1816 a 1830 o carisma marianista foi vivido por leigos e religiosos que formavam a Família Marianista. A revolução de 1830 suprimiu essas associações de leigos, pois considerava que estas associações eram politicamente reacionárias.

Religiosas e religiosos marianistas viveram durante muitos anos sem um grupo leigo do qual haviam surgidos e inclusive ignoravam-se uns aos outros. Os Capítulos Gerais de 1981 e 1982 não só reformularam as novas Regras de Vida, mas também deram um programa de trabalho para que os religiosos e religiosas refundassem as Comunidades Leigas Marianistas (CLMs). O êxito foi imediato. Em certo sentido era precedido nos anos anteriores ao Concílio pela fundação em Jerez de la Frontera (ESPANHA) das CEMI (Congregação Estado de Maria Imaculada) e pela Aliança Marial, na França (Instituto secular de mulheres que vivem sua vida consagrada no mundo).

TEMPOS NOVOS

A Revolução francesa suprimiu a vida monástica com o pretexto de que era incompatível com a nova imagem de cidadão. Criou uma nova moralidade, baseada no trabalho, na produção e na utilidade social. Já não se aceitou a anterior forma de vida religiosa monástica, considerada uma *fuga do mundo*. As pessoas agora são cidadãos portadores de direitos civis e políticos não alienáveis.

O período revolucionário destruiu o tecido social da Igreja. O Pe. Chaminade, voltando do exílio (1800), tenta reconstruir esse tecido baseando-se no laicado e já não no clero. Para isso, fundou a Congregação de Bordeaux (FRANÇA). Ainda que Napoleão, ao princípio, tolerou essas associações de fiéis, acabou suprimindo-as, porque acreditava que na realidade eram associações políticas inimigas de seu regime. O Pe. Chaminade e a Congregação passaram à clandestinidade e ele se concentrou em formar um grupo pequeno, aos que propunha a vida religiosa.

DOIS PROJETOS QUE CONFLUEM

Com a Restauração (1815), Chaminade pensa que a Congregação tem que seguir sendo um movimento de massas. Mas necessita um fermento interior que a anime: *o homem que não morra*. Este tem que ser um grupo seletivo de congregantes consagrados a Deus em novas formas de vida religiosa, que faziam voto de obediência ao diretor da Congregação. Chaminade pensava em uma vida religiosa dispersa no mundo, sem existência civil, ao serviço da missão para multiplicar cristãos, na França e em todo o mundo.

Adela já em 1813 tinha o projeto de uma comunidade religiosa que se santificara pela oração, pelo recolhimento e pelo serviço ao mundo rural. Pensava em uma vida religiosa mais comunitária, com existência pública, mais assistencial e mais diocesana.

Nenhum dos dois projetos chegou a realizar-se como estava pensado. Ambos, Chaminade e Adela, se colocam em contato e confluíram na fundação das Filhas de Maria Imaculada (1816) e da Companhia de Maria (1817). Chaminade soube conjugar ambos impulsos, que acabaram desembocando na fundação das duas congregações religiosas marianistas. Ambos são cofundadores com pleno direito de conjunto do movimento espiritual que se denomina “Família Marianista”. Chaminade soube reconhecer que os desejos de fundar as duas novas congregações religiosas eram desenvolvimentos legítimos de seu projeto missionário gestado durante seu exílio, em Zaragoza (ESPANHA).

NOVA FORMA DE VIDA RELIGIOSA

Estamos diante de um tipo de vida eminentemente secular que nos tempos do Pe. Chaminade tinha difícil acomodação dentro do ordenamento jurídico eclesial. O Pe. Chaminade se adiantou ao que hoje em dia são os institutos seculares e os novos movimentos, que incluem os diversos estados de vida cristã na mesma fundação. O carisma marianista também os contém sob a forma da Família Marianista, mas se trata de grupos autônomos.

O Pe. Chaminade pensava que se tratava de um único carisma com várias ramas: “O Santo Padre engloba no mesmo Decreto às duas ordens, dedicando-lhes os mesmos louvores, as mesmas exortações e as mesmas ações de graça. Com isso nos mostra que nossas ordens devem caminhar juntas em busca do mesmo fim, em duas linhas paralelas por caminhos apropriados a cada sexo, estar unidas, ainda que sejam distintas, y rivalizar no zelo, na caridade e nos esforços para procurar a glória de Deus e de sua santa Mãe”.

Os e as marianistas tiveram no início as mesmas *Constituições*, com as adaptações necessárias para cada rama. Os irmãos e irmãs das novas congregações dariam grande importância ao trabalho como meio de ganhar-se o sustento e nova maneira social de viver o voto de pobreza. As novas Congregações desempenhariam sua missão através de uma tarefa profana – a escola, o hospital, as oficinas, o orfanato ou o asilo. Dariam importância ao trabalho manual, à gestão administrativa e à economia, que são valores da sociedade burguesa. A missão tem agora um forte componente secular: os novos religiosos não buscam títulos e não os usam entre si, se chamam de irmãos; no princípio vestiram traje laical; habitam na cada onde desenvolvem seu trabalho missionário e, por tanto, com pouca ou quase nenhuma clausura, em contato direto com os leigos.

Estando no mundo sem serem do mundo... os e as marianistas buscam, há 200 anos e, de mãos dadas com Maria auxiliá-la em sua missão, trazer Jesus ao mundo de hoje.